

A dialética de Hegel e Marx

A DIALÉTICA DE HEGEL E MARX

No dicionário Aurélio, encontramos dialética como sendo:

“[Do gr. *dialektiké (téchne)*, pelo lat. *dialectica*.]”

1. Filos. Arte do diálogo ou da discussão, quer num sentido laudativo, como força de argumentação, quer num sentido pejorativo, como excessivo emprego de sutilezas.

2. Filos. Desenvolvimento de processos gerados por oposições que provisoriamente se resolvem em unidades.

3. Hist. Filos. Conforme Hegel, **a natureza verdadeira e única da razão e do ser que são identificados um ao outro e se definem segundo o processo racional que procede pela união incessante de contrários — tese e antítese — numa categoria superior, a síntese.**

4. Hist. Filos. Segundo Marx, **o processo de descrição exata do real.**”

Partindo da idéia de que a dialética é a arte do diálogo ou da discussão, acaba sendo filosofia por excelência na medida em que não apenas discutimos com outras pessoas, mas também, com nós mesmos. Sócrates, Platão, Aristóteles, Zeno de Eléia, Kant e outros filósofos, discutiram, estudaram, apresentaram a dialética com significados os mais variados, com sentidos diversos, amparada por vários princípios. Os mais diferentes autores que se ocupam a interpretar a dialética, entendem que estes princípios chegam a ser em número de quatro: ação recíproca (relação); mudança dialética (transformação); mudança qualitativa (de quantidade para qualidade); interpretação dos contrários (contradição).

A dialética de Hegel

A história da humanidade, segundo Hegel (1770/1831), cumpre uma trajetória dialética marcada por três momentos: tese, antítese e síntese. O primeiro momento remonta às civilizações antigas. Por considerar que o espírito está imerso na natureza, Hegel o classifica como objetivo. O segundo momento, sofre influência dos gregos mas inicia-se realmente com o cristianismo. Hegel o define como subjetivo. O espírito passa a ter o desejo de liberdade a partir da consciência de sua existência. O terceiro momento, chamado por Hegel de síntese absoluta, tem início com a Revolução Francesa, momento em que o espírito consciente controla a natureza. Aparece aí, o Estado moderno, a partir do desejo de liberdade.

Hegel nos apresenta um método que permite compreender o pensamento e a realidade como processo, o movimento como desenvolvimento com base na contradição. Parte do sentido de ser, que é a tese, a qual deverá manifestar-se através da antítese, ou o não-ser. Da contradição entre ser e não-ser, ou tese e antítese, surge a síntese, ou o vir-a-ser. Para Hegel, a ciência do pensamento, em seu modo verdadeiro, deve coincidir com a ciência do ser.

Ao detalhar o momento dialético, Hegel expõe:

“O dialético, tomado para si pelo entendimento separadamente, constitui o ceticismo – sobretudo quando é mostrado em conceitos científicos: o ceticismo

contém a simples negação como resultado do dialético. A dialética é habitualmente considerada como uma arte exterior, que por capricho suscita confusão nos conceitos determinados, e uma simples aparência de contradições entre eles; de modo que não seriam uma nulidade essas determinações e sim essa aparência; e ao contrário seria verdadeiro o que pertence ao entendimento. (...) Em sua determinidade peculiar, a dialética é antes a natureza própria e verdadeira das determinações-do-entendimento – das coisas e do finito em geral. A reflexão é antes de tudo o ultrapassar sobre a determinidade isolada, e um relacionar dessa última pelo qual ela é posta em relação – embora sendo mantida em seu valor isolado. A dialética, ao contrário, é esse ultrapassar imanente, em que a unilateralidade, a limitação das determinações do entendimento é exposta como ela é, isto é, como sua negação. Todo o finito é isto; supressumir-se a si mesmo. O dialético constitui pois a alma motriz do progredir científico; e é o único princípio pelo qual entram no conteúdo da ciência a conexão e a necessidade imanentes, assim como, no dialético em geral, reside a verdadeira elevação – não exterior – sobre o finito”. (Hegel, 1995: pp. 162-3)

Em cada momento dialético, encontram-se algumas ciências. No primeiro estágio, a idéia pura passa a ser objeto da lógica, tendo como ponto de partida a universalidade do ser. Partindo da noção mais geral do ser, chega a seu oposto, o não-ser, indo de encontro a síntese de ambos. No segundo estágio temos o objeto da filosofia da natureza, representação fora de si. A idéia caba por se multiplicar em diversas formas, mecânica (matéria e espaço), física (corpos) e orgânica (vida). No terceiro estágio dialético, reúnem-se o objeto e o sujeito, formando a filosofia do Espírito Absoluto. É estudada como filosofia do espírito, e se divide em espírito subjetivo e individual (psicologia), espírito objetivo da humanidade em sua vida coletiva e social (moral e direito), espírito absoluto (arte, religião, filosofia).

Nos detalhes da dialética, Hegel deu especial realce ao direito, à arte ou estética, à religião. Com isso, fez com que muitos pesquisadores que o sucederam, tivessem interesses diversos, em várias formas.

As principais obras de Hegel são: *A Fenomenologia do Espírito*; *A Lógica*; *A Enciclopédia das Ciências Filosóficas*; *A Filosofia do Direito*.

A dialética marxista

Foi exatamente sobre a Filosofia do Direito, numa crítica considerada como uma de suas obras mais importantes, que Karl Marx (1818/1883) fez a primeira interpretação materialista da dialética hegeliana. Karl Marx e Friedrich Engels (1820/1895) reformam o conceito hegeliano de dialética: utilizam a mesma forma, e introduzem um novo conteúdo. A essa nova dialética, chamam de materialista. Para eles, o movimento histórico é derivado das condições materiais da vida.

A dialética materialista analisa a história do ponto de vista dos processos econômicos e sociais. A história é dividida em quatro momentos: antiguidade, feudalismo, capitalismo e socialismo. Os três primeiros são vencidos por uma contradição interna, chamada “germe da destruição”. A contradição da

antiguidade é a escravidão; a do feudalismo são os servos; e a do capitalismo é o proletariado. O socialismo seria a síntese final, momento em que a história cumpre seu desenvolvimento dialético.

O método dialético desenvolvido por Marx, o método materialista histórico dialético, o faz interpretando a realidade, visão de mundo e exercício. A reinterpretação da dialética de Hegel, diz respeito, principalmente, à materialidade e à concretude. Para Marx, Hegel trata a dialética idealmente, no plano do espírito, das idéias, enquanto o mundo dos homens exige sua materialização. É com esta preocupação que Marx deu o caráter material (os homens se organizam na sociedade para a produção e a reprodução da vida), e o caráter histórico (como eles vêm se organizando através de sua história).

Em sua obra Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, Marx expõe essa questão histórica:

“Assim como os povos antigos viveram sua pré-história na imaginação, na mitologia, nós, alemães, vivemos nossa pós-história no pensamento, na filosofia. Somos contemporâneos filosóficos do presente, sem ser seus contemporâneos históricos. A filosofia alemã é o prolongamento ideal da história da Alemanha. Portanto, se ao invés das *oeuvres incompletes* [Obras incompletas] de nossa história real, criticamos as *oeuvres posthumes* [Obras póstumas] de nossa história ideal, a filosofia, nossa crítica figura no centro dos problemas dos quais diz o presente: *That is the question* [Eis a questão]”. (Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, Karl Marx, 1843)

Marx utilizou o método dialético para explicar as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos. Ao estudar determinado fato histórico, ele procurava seus elementos contraditórios, buscando encontrar aquele elemento responsável pela sua transformação num novo fato, dando continuidade ao processo histórico. Marx desenvolveu uma concepção materialista da História, afirmando que o modo pelo qual a produção material de uma sociedade é realizada constitui o fator determinante da organização política e das representações intelectuais de uma época. Assim, a base material ou econômica constitui a “infraestrutura” da sociedade, que exerce influência direta na “super-estrutura”, ou seja, nas instituições jurídicas, políticas (as leis, o Estado) e ideológicas (as artes, a religião, a moral) da época.

Segundo Marx, a base material é formada por forças produtivas (que são as ferramentas, as máquinas, as técnicas, tudo aquilo que permite a produção) e por relações de produção (relações entre os que são proprietários dos meios de produção as terras, as matérias primas, as máquinas – e aqueles que possuem apenas a força de trabalho).

Ao se desenvolverem as forças produtivas trazem conflito entre os proprietários e os não-proprietários dos meios de produção. O conflito se resolve em favor das forças produtivas e surgem relações de produção novas, que já haviam começado a se delinear no interior da sociedade antiga. Com isso, a super-estrutura também se modifica e abre-se possibilidade de revolução social.

No Prefácio do livro “*Contribuição à crítica da economia política*”, Marx identificou na História, de maneira geral, os seguintes estágios de desenvolvimento das forças produtivas, ou modos de produção: o asiático (comunismo primitivo), o escravista (da Grécia e de Roma), o feudal e o burguês, o mais recente e o último baseado no antagonismo das classes porque dará lugar ao comunismo, sem classes, sem Estado e sem desigualdades sociais.

A evolução de um modo de produção para o outro ocorreu a partir do desenvolvimento das forças produtivas e da luta entre as classes sociais predominantes em cada período. Assim, o movimento da História possui uma base material, econômica e obedece a um movimento dialético. A passagem do modo de produção feudal, para o modo de produção capitalista burguês, é um exemplo claro:

“O modo de produção feudal é o fato positivo, a afirmação mas já traz dentro de si o germe de sua própria negação: o desenvolvimento de suas forças produtivas propicia o surgimento da burguesia. À medida que estas forças produtivas se desenvolvem, elas vão negando as relações feudais de produção e introduzindo as relações capitalistas de produção. A luta entre a nobreza e a burguesia vai se acirrando; em um determinado ponto deste desenvolvimento ocorre a ruptura e aparece o terceiro elemento mais desenvolvido, que é modo de produção capitalista. É, portanto, a luta entre as classes que faz mover a História.” (SPINDEL, A. op. cit. p. 39.)

Marx e Engels começaram a formular a concepção materialista da História quando escreveram juntos “*A Ideologia Alemã*”, em 1845/46; o materialismo histórico é, de acordo com Marx, o “fio condutor” de todos os estudos subsequentes. Os conceitos básicos do Materialismo Histórico(3) constituem uma teoria científica da História, vista até então como uma simples narração de fatos históricos. Ele revolucionou a maneira de se interpretar a ação dos homens na História, abrindo ao conhecimento, uma nova ciência e aos homens uma nova visão filosófica do mundo: o **Materialismo Dialético**.

E demonstra o materialismo:

“Não obstante, tão logo a moderna realidade político-social se veja submetida à crítica, isto é, tão logo a crítica ascende ao plano dos problemas verdadeiramente humanos é que se encontra fora do status quo alemão, pois de outro modo abordaria seu objeto por baixo de si mesma. Um exemplo: a relação entre a indústria, o inundo da riqueza em geral e o mundo político é um problema fundamental da época moderna. De que forma este problema começa preocupar os alemães? Sob a forma de normas protetoras, de sistema proibitivo, da economia nacional. O germanismo passou dos homens a matéria e, um belo dia, nossos donos do algodão e nossos heróis do ferro viram-se convertidos em patriotas. Assim, pois, na Alemanha começa-se pelo reconhecimento da soberania do monopólio rumo ao interior, conferindo-lhe a soberania rumo ao exterior. Isto significa que na Alemanha se começa por onde terminam a França e a Inglaterra. A velha situação insustentável contra a qual se levantam teoricamente estes países e que só são suportáveis como são suportados os grillhões, é saudada na Alemanha como a primeira luz do

amanhecer de um belo futuro, que apenas se atreve a passar de uma ladina teoria à mais implacável prática. Enquanto na França e na Inglaterra o problema é colocado em termos de economia política ou império da sociedade sobre a riqueza, na Alemanha os termos são outros: economia nacional ou império da propriedade privada sobre a nacionalidade. Portanto, na França e na Inglaterra trata-se de abolir o monopólio, que chegou a suas últimas conseqüências; na Alemanha, trata-se de levar o monopólio a suas últimas conseqüências, No primeiro caso, trata-se da solução; no segundo, simplesmente da contradição. Exemplo suficiente da forma alemã que ali adotam os problemas modernos, de como nossa história, tal qual o recruta imbecil, não teve até agora outra missão senão a de praticar a repetir exercícios já feitos". (Idem, Ibidem)Em sua obra O Capital: crítica da economia política. São Paulo, livro primeiro, vl. I, ed. 8, Ed. DIFEL, 1982, p. 16, Marx afirma:

"Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento, - que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de idéia, - é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado".

Essa afirmação estabelece um paralelo perfeito com sua posição nos Manuscritos Econômicos Filosóficos, já que Marx considera seu método o oposto do método de Hegel exatamente porque o fator ideal (Idéia) não é o criador do real, do material, mas sim um produto da própria matéria.

Tendo por base a dialética hegeliana, no sistema de Marx a matéria poderia gerar ou criar dialeticamente o ideal, o espiritual. Pois tanto para Marx quanto para Engels, o termo "materialismo" significa uma determinada relação entre matéria e espírito.

5. Bibliografia

CIRNE-LIMA, C. *Dialética para Principiantes*. 2.ed., Porto Alegre: Edipucrs, 1979

KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Col. primeiros passos; 23).

K. Marx. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo, livro primeiro, vl. I, ed. 8, Ed. DIFEL, 1982, pp. 16-17

K.Marx. *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hege*,1843.

Marx, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo, Martins Fontes, 1983

KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Col. primeiros passos; 23).